

sinopse Tudo se passa no Verão de 1965, numa pequena ilha da costa da Nova Inglaterra. Sam (Jared Gilman) e Suzy (Kara Hayward), ambos de 12 anos, sentem-se deslocados na comunidade onde vivem. Quando se conhecem, durante uma peça de teatro na qual Suzy actuava, apaixonam-se e passam a trocar arrebatadas cartas de amor. Um dia, resolvem deixar tudo para trás e fugir para um lugar desconhecido. O que não esperavam era que os pais de Suzy (Bill Murray e Frances McDormand), o capitão Sharp (Bruce Willis) e o escoteiro-chefe Ward (Edward Norton) os perseguissem até ao fim do mundo.

Uma comédia dramática escrita e realizada por Wes Anderson ("Os Tenenbaums - Uma Comédia Genial ", "The Darjeeling Limited", "O Fantástico Senhor Raposo").

ficha técnica

Título Original: Moonrise Kingdom (EUA, 2012, 94 min)

Realização: Wes Anderson

Interpretação: Jared Gilman, Kara Hayward, Bruce Willis, Edward Norton, Tilda Swinton, Bill Murray

Argumento: Wes Anderson, Roman Coppola

Produção: Wes Anderson, Steven M. Rales, Scott Rudin

Musica: Alexandre Desplat

Fotografia: Robert D. Yeoman

Montagem: Andrew Weisblum

Estreia: 5 de Julho de 2012

Distribuição: Zon Lusomundo Audiosuais

Classificação: M/12



Juventude que marcha

Luis Miguel Oliveira, Publico de 5 de Julho de 2012

Um filme que se vê como recordações da infância a que o tempo conferiu, ao que era mau, uma lembrança ainda pior, e ao que era bom fê-lo parecer ainda melhor

Na Internet encontra-se um artigo, de autor americano, que discute os “elementos de estética fascista” na obra de Wes Anderson. Não diz que ele é fascista nem que os seus filmes são fascistas, mas não resiste totalmente à tentação de insinuar que alguns desses elementos surgem de maneira insidiosa, como um tique que Anderson não controlasse. Não é um mau artigo (nunca seria, como exercício intelectual: trata-se basicamente de aplicar uma coisa que Susan Sontag escreveu, o seu ensaio dos anos 70, Fascinating Fascism, a uma coisa que ela não viu feita por alguém que certamente leu o que ela escreveu, The Life Aquatic of Steve Zissou, estreado na América três dias antes da morte de Sontag - neste contexto, extraordinária coincidência...), embora a nosso ver erre as conclusões, talvez por défice de sentido de humor e/ou escassez de memórias familiares (é de famílias que querem ser como organizações, e de organizações que querem ser como famílias, na função e na disfunção, que os filmes de Anderson falam, os “elementos de estética fascista” são os instrumentos para essa tragicomédia repetida a cada filme, e só lhe interessam como tal). Mas bom, não estamos aqui para comentar o artigo (o leitor interessado digite “wes anderson + fascist aesthetics” no Google, vai lá dar de certeza), apenas para referir que ele se tornou algo famoso, e certamente chegou ao conhecimento de Wes Anderson.

E como Hitchcock, que nos anos 50, depois de ler o que os “Cahiers” escreviam dele, lhes ofereceu um filme (“ah, querem “falsos culpados”? tomem lá *The Wrong Man*), Anderson parece ter pensado: “ah, querem elementos de estética fascista? Tomem lá *Moonrise Kingdom*”. A bem dizer, será menos uma questão de estética propriamente dita, e mais a ver com a ressonância e as alusões das figuras que Anderson cria. Há uma organização, uma organização de facto (os Escuteiros - a escolha deve ter sido a dedo...), e uma família. A organização é completamente militarística, e a dado passo, a partir do aparecimento de Harvey Keitel (com um bigode igual ao de John Wayne no Rio Grande), transforma-se na Cavalaria dos westerns fordianos. A família também encontrou uma maneira “militar” de funcionar: a mãe (Frances McDormand) anda por casa a dar ordens de megafone. Os miúdos da organização e os miúdos da família são reflexos uns dos outros: criaturinhas desalmadas, resultantes de um cruzamento entre os hooligans da Laranja Mecânica e a Juventude Hitleriana. Excepto dois: um rapaz escuteiro, órfão hiperactivo, tão empreendedor como desajustado (primo do protagonista de *Rushmore*, portanto), e a filha mais velha, adolescente sonhadora e, conseqüentemente, problemática. Detestam, cada um, o meio em que vivem, e um dia fogem mesmo - é a história de *Moonrise Kingdom*. O que é novo em Anderson: até aqui, as suas personagens respondiam à opressão e à disfunção pela insistência, quando a família e o grupo não funcionavam a missão era remendá-los, aproximá-los de uma ideia virtuosa; aqui a saída é exactamente isso, uma saída, e para o par de miúdos, são os outros que são condenados a ficar.

Os dois miúdos são dados como perdidos, há uma tempestade e tudo, mas quem está

verdadeiramente perdido são os adultos. Há Edward Norton, chefe dos escuteiros, no papel que tipicamente seria interpretado por Owen Wilson, o do organizador sempre a ser traído pela realidade; Bill Murray, o pai da rapariga, mais deprimido do que nunca (“para de ter pena de ti próprio” - (silêncio) - “porquê?”), e McDormand, a mãe, que tem um affair com o polícia local, Bruce Willis, triste e apático como no *Protegido* de Shyamalan, que só a farda associa ao action hero reaganista que ele



foi nos anos 80; e também Tilda Swinton, a enviada da assistência social, que se comporta com uma rigidez digna de uma representante de um estado totalitário. Os miúdos ainda têm uma chance, mas nas costas da história deles *Moonrise Kingdom* é uma tragicomédia da vida adulta.

Hiperactivo, cada vez mais, é Anderson. O filme tem um ritmo velocíssimo, as cenas, por vezes muito curtas, quase se encavalitam umas nas outras; a quantidade de “informação visual” a cada plano chega a ser impressionante, o que diz tanto sobre o rigor da composição de cada enquadramento como sobre o trabalho de “animação” do mundo e do décor (que, diríamos, lembra mais *Fantastic Mr Fox* do que qualquer outro dos filmes de “acção real” de Anderson). Em época em que a austeridade estética adquiriu uma espécie de valor ético, é fácil imaginar que esta exibição de opulência não caia bem - mas Anderson tem tanta munção que nem se importa de a desperdiçar (como quando cita, na caminhada dos escuteiros pelo bosque, uma célebre sequência de *The Big Parade*, o King Vidor mudo que não deverá ser reconhecível pela esmagadora maioria dos espectadores contemporâneos). Chamem-lhe bricoleur, construtor de legos, coisas do género, que isso não muda o essencial: *Moonrise Kingdom*, para lá de ter coração e alma para dar e vender, mostra um estilo - uma maneira de narrar, de construir personagens, de desmontar e remontar o mundo - que afinou o seu carácter idiossincrático num ponto próximo do limite. O regresso a *Bottle Rocket* é impossível, não se pede a ninguém que faça do sétimo ou oitavo filme outra primeira obra. Mas até esta espécie de longing pelo “início” de Wes Anderson, antes de tudo se ter tornado demasiado “composto” e “complicado”, que detectamos numa volta pelas críticas online, tem algo a ver com *Moonrise Kingdom*: é um filme que se vê como se contasse uma história através do filtro de uma memória distorcida, como recordações da infância a que o tempo conferiu, ao que era mau, uma lembrança ainda pior, e ao que era bom fê-lo parecer ainda melhor. Belíssimo, evidentemente.

sinopse Tudo se passa no Verão de 1965, numa pequena ilha da costa da Nova Inglaterra. Sam (Jared Gilman) e Suzy (Kara Hayward), ambos de 12 anos, sentem-se deslocados na comunidade onde vivem. Quando se conhecem, durante uma peça de teatro na qual Suzy actuava, apaixonam-se e passam a trocar arrebatadas cartas de amor. Um dia, resolvem deixar tudo para trás e fugir para um lugar desconhecido. O que não esperavam era que os pais de Suzy (Bill Murray e Frances McDormand), o capitão Sharp (Bruce Willis) e o escoteiro-chefe Ward (Edward Norton) os perseguissem até ao fim do mundo.

Uma comédia dramática escrita e realizada por Wes Anderson ("Os Tenenbaums - Uma Comédia Genial ", "The Darjeeling Limited", "O Fantástico Senhor Raposo").

ficha técnica

Título Original: Moonrise Kingdom (EUA, 2012, 94 min)

Realização: Wes Anderson

Interpretação: Jared Gilman, Kara Hayward, Bruce Willis, Edward Norton, Tilda Swinton, Bill Murray

Argumento: Wes Anderson, Roman Coppola

Produção: Wes Anderson, Steven M. Rales, Scott Rudin

Musica: Alexandre Desplat

Fotografia: Robert D. Yeoman

Montagem: Andrew Weisblum

Estreia: 5 de Julho de 2012

Distribuição: Zon Lusomundo Audiosuais

Classificação: M/12



Juventude que marcha

Luis Miguel Oliveira, Publico de 5 de Julho de 2012

Um filme que se vê como recordações da infância a que o tempo conferiu, ao que era mau, uma lembrança ainda pior, e ao que era bom fê-lo parecer ainda melhor

Na Internet encontra-se um artigo, de autor americano, que discute os “elementos de estética fascista” na obra de Wes Anderson. Não diz que ele é fascista nem que os seus filmes são fascistas, mas não resiste totalmente à tentação de insinuar que alguns desses elementos surgem de maneira insidiosa, como um tique que Anderson não controlasse. Não é um mau artigo (nunca seria, como exercício intelectual: trata-se basicamente de aplicar uma coisa que Susan Sontag escreveu, o seu ensaio dos anos 70, Fascinating Fascism, a uma coisa que ela não viu feita por alguém que certamente leu o que ela escreveu, The Life Aquatic of Steve Zissou, estreado na América três dias antes da morte de Sontag - neste contexto, extraordinária coincidência...), embora a nosso ver erre as conclusões, talvez por défice de sentido de humor e/ou escassez de memórias familiares (é de famílias que querem ser como organizações, e de organizações que querem ser como famílias, na função e na disfunção, que os filmes de Anderson falam, os “elementos de estética fascista” são os instrumentos para essa tragicomédia repetida a cada filme, e só lhe interessam como tal). Mas bom, não estamos aqui para comentar o artigo (o leitor interessado digite “wes anderson + fascist aesthetics” no Google, vai lá dar de certeza), apenas para referir que ele se tornou algo famoso, e certamente chegou ao conhecimento de Wes Anderson.

E como Hitchcock, que nos anos 50, depois de ler o que os “Cahiers” escreviam dele, lhes ofereceu um filme (“ah, querem “falsos culpados”? tomem lá *The Wrong Man*), Anderson parece ter pensado: “ah, querem elementos de estética fascista? Tomem lá *Moonrise Kingdom*”. A bem dizer, será menos uma questão de estética propriamente dita, e mais a ver com a ressonância e as alusões das figuras que Anderson cria. Há uma organização, uma organização de facto (os Escuteiros - a escolha deve ter sido a dedo...), e uma família. A organização é completamente militarística, e a dado passo, a partir do aparecimento de Harvey Keitel (com um bigode igual ao de John Wayne no Rio Grande), transforma-se na Cavalaria dos westerns fordianos. A família também encontrou uma maneira “militar” de funcionar: a mãe (Frances McDormand) anda por casa a dar ordens de megafone. Os miúdos da organização e os miúdos da família são reflexos uns dos outros: criaturinhas desalmadas, resultantes de um cruzamento entre os hooligans da Laranja Mecânica e a Juventude Hitleriana. Excepto dois: um rapaz escuteiro, órfão hiperactivo, tão empreendedor como desajustado (primo do protagonista de *Rushmore*, portanto), e a filha mais velha, adolescente sonhadora e, conseqüentemente, problemática. Detestam, cada um, o meio em que vivem, e um dia fogem mesmo - é a história de *Moonrise Kingdom*. O que é novo em Anderson: até aqui, as suas personagens respondiam à opressão e à disfunção pela insistência, quando a família e o grupo não funcionavam a missão era remendá-los, aproximá-los de uma ideia virtuosa; aqui a saída é exactamente isso, uma saída, e para o par de miúdos, são os outros que são condenados a ficar.

Os dois miúdos são dados como perdidos, há uma tempestade e tudo, mas quem está

verdadeiramente perdido são os adultos. Há Edward Norton, chefe dos escuteiros, no papel que tipicamente seria interpretado por Owen Wilson, o do organizador sempre a ser traído pela realidade; Bill Murray, o pai da rapariga, mais deprimido do que nunca (“para de ter pena de ti próprio” - (silêncio) - “porquê?”), e McDormand, a mãe, que tem um affair com o polícia local, Bruce Willis, triste e apático como no *Protegido* de Shyamalan, que só a farda associa ao action hero reaganista que ele



foi nos anos 80; e também Tilda Swinton, a enviada da assistência social, que se comporta com uma rigidez digna de uma representante de um estado totalitário. Os miúdos ainda têm uma chance, mas nas costas da história deles *Moonrise Kingdom* é uma tragicomédia da vida adulta.

Hiperactivo, cada vez mais, é Anderson. O filme tem um ritmo velocíssimo, as cenas, por vezes muito curtas, quase se encavalitam umas nas outras; a quantidade de “informação visual” a cada plano chega a ser impressionante, o que diz tanto sobre o rigor da composição de cada enquadramento como sobre o trabalho de “animação” do mundo e do décor (que, diríamos, lembra mais *Fantastic Mr Fox* do que qualquer outro dos filmes de “acção real” de Anderson). Em época em que a austeridade estética adquiriu uma espécie de valor ético, é fácil imaginar que esta exibição de opulência não caia bem - mas Anderson tem tanta munção que nem se importa de a desperdiçar (como quando cita, na caminhada dos escuteiros pelo bosque, uma célebre sequência de *The Big Parade*, o King Vidor mudo que não deverá ser reconhecível pela esmagadora maioria dos espectadores contemporâneos). Chamem-lhe bricoleur, construtor de legos, coisas do género, que isso não muda o essencial: *Moonrise Kingdom*, para lá de ter coração e alma para dar e vender, mostra um estilo - uma maneira de narrar, de construir personagens, de desmontar e remontar o mundo - que afinou o seu carácter idiossincrático num ponto próximo do limite. O regresso a *Bottle Rocket* é impossível, não se pede a ninguém que faça do sétimo ou oitavo filme outra primeira obra. Mas até esta espécie de longing pelo “início” de Wes Anderson, antes de tudo se ter tornado demasiado “composto” e “complicado”, que detectamos numa volta pelas críticas online, tem algo a ver com *Moonrise Kingdom*: é um filme que se vê como se contasse uma história através do filtro de uma memória distorcida, como recordações da infância a que o tempo conferiu, ao que era mau, uma lembrança ainda pior, e ao que era bom fê-lo parecer ainda melhor. Belíssimo, evidentemente.